

“MUFETE”: OS FLUXOS NO ATLÂNTICO NEGRO

Bruna Ribeiro Troitinho

O rap, mistura de Mestre de Cerimônia (MC) e DJ's, é um dos elementos mais conhecidos da cultura hip hop, que também possui elementos visuais como o *graffiti* e dança como a *breakdance*. O rap é um gênero musical caracterizado pela oralidade e, por isso, suas origens remetem aos *griots*, contadores de histórias africanos (CONTADOR; FERREIRA, 1997). No entanto, como desenvolveu-se nos Estados Unidos e com a influência dos migrantes caribenho, o rap é uma grande confluência de elementos culturais diaspóricos. Diante disso, o presente trabalho busca descrever os fluxos culturais que acontecem no Atlântico Negro (GILROY, 2001) a partir do cd “Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa” (2015) do rapper Emicida. A narrativa se fará por meio de trechos das canções dispostas no disco com atenção especial a “Mufete” além da análise das entrevistas do rapper após a viagem de 15 dias para Angola e Cabo-verde.

Cabe destacar dois fenômenos que trafegam pelo Atlântico: “o processo de patrimonialização da cultura material e imaterial e a espetacularização e a semântica que transmuta preto em ‘afro’” (SANSONE, 2012, p.153). O primeiro fenômeno destacado por Livio Sansone é o culto a diversidade cultural, que é um fenômeno global. Já o segundo é mais típico do Brasil e é um processo iniciado na década de 1970 de ressignificação da África que de um estigma negativo passou a ser valorizada culturalmente. Este último fenômeno é comumente chamado pela literatura de “reafricanização”¹ do Brasil. Diante desses dois fenômenos se justifica a análise que será feita ao longo deste trabalho.

Em meados da década de 1980 o rap nasceu no Brasil já com forte cunho combativo político e em especial de cunho racial como o caso dos Racionais Mc's. Leandro Roque de Oliveira é natural da periferia de São Paulo e, ganhou visibilidade através de suas conquistas em batalhas de *freestyle* que é um duelo de Mc's. Por conta de suas vitórias em duelos o rapper ganhou o apelido de “assassino” de MC's, o Emicida. As letras das composições de

¹ “Essa reafricanização está entendida como a nova inflexão dada à agência (agency) social, política e cultural afrodescendente em Salvador, marcada pelo uso de símbolos ligados à africanidade e por uma interação determinada com a modernização seletiva brasileira, caracterizada, ao mesmo tempo, pela conexão desterritorializada com fluxos simbólicos mundiais e da diáspora.” (PINHO, 2005, p. 127-128).

Emicida possuem o caráter combativo típico do rap e de autoafirmação e, nos últimos anos tem se colocado como um denunciante da “democracia racial”. Em seu disco “Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa” há um jogo entre o presente e o passado, pois sempre há relações entre a África atual e aquela que foi fonte da diáspora negra pela escravidão. Uma das canções que mais chamou a atenção da mídia foi “Boa Esperança” cujo videoclipe teve grande repercussão. No entanto, para entender os fluxos culturais que acontecem no Atlântico preferiu-se a análise da construção do disco e da música “Mufete”.

Em sua viagem a Angola e Cabo-Verde Emicida contou com a colaboração de músicos africanos na construção de seu cd. Este é o caso de João Morgado, instrumentista de semba que é um gênero angolano parecido com o samba, que participou da percussão de “Mufete”. É exemplo disso também a participação de Kaku Alves, cantora de Cabo-Verde, que durante muito tempo foi guitarrista de Césaria Évora, cantora cabo-verdiana de maior reconhecimento internacional. Há também o single “Sodade”, cuja percussão reproduz o que seria o som da água do mar batendo no casco do navio, cantado por Neusa Semedo, que lamenta a saudade de casa em crioulo cabo-verdiano, a segunda língua mais falada no país.

Além disso, outras influências culturais fizeram parte da construção do cd como é o caso da literatura. Em entrevista ao jornal O Globo em 2015 o rapper confirma as influências de obras de Gil Vicente, Mia Couto, José Eduardo Agualusa e Marcelino Freire, cujo poema “Trabalhadores do Brasil” é recitado em umas das faixas. Emicida confessa que o romance “As aventuras de Ngnuna” de Pepetela, autor angolano cuja obra retrata as aventuras de um menino guerrilheiro na guerra de libertação angolana, é a inspiração da estrutura de seu disco “eu catei essa metáfora do moleque correndo Angola inteira a pé com uma metralhadora para libertar o país dele como a história que eu tinha que contar” (O Globo, 2015).

Após o processo de “reafricanização”, a África esteve presente no imaginário brasileiro particularmente como uma busca das origens por parte da população negra. Em entrevista a Carta Capital o rapper Emicida afirma que a decisão de fazer uma viagem até a África para a composição do cd foi, em primeiro lugar, uma decisão pessoal.

Os brancos têm dificuldade de entender o que no Brasil tem o nome de banzo: é uma doença que acomete os pretos desde a escravidão, uma espécie de patologia semelhante à depressão, um fantasma que assombra quem foi arrancado de sua terra natal, como se essa doença tivesse a força de atravessar gerações. **Fui mergulhar**

nessa África lusófona como primeiro passo de uma imersão urgente que preciso fazer para compreender e lutar pelo mundo que quero que minha filha conheça, um mundo onde ela odeie menos coisas do que eu (CARTA CAPITAL, 2015, grifo nosso).

A palavra “Mufete” é de origem quimbunda e é um prato típico de Luanda constituído por peixe grelhado, feijão, mandioca e acompanhado por um molho de cebola. Ao intitular essa canção com essa palavra o rapper Emicida demarca seu objetivo de ressaltar as heranças da África no Brasil. A alegria em tentar reconstruir positivamente o histórico de seus antepassados por meio de uma busca de suas raízes em África fica evidente logo nas primeiras estrofes da música “Mufete” *“Djavan me disse uma vez/Que a terra cantaria ao tocar meus pés/ Tanta alegria fez brilhar minha tês/Que arte é fazer parte, não ser dono”*. Há uma forte crítica às desigualdades que existem nas periferias de Angola cujos bairros Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois, Marçal, Sambizanga, Calemba 2 estão presentes no refrão. Com o jogo de presente e passado o rapper critica alguns preconceitos que existem com as religiões de matriz africano muito por conta da cosmovisão cristã do mundo que classifica entre bem e mal *“Dizem que o diabo veio nos barcos dos europeus / desde então o povo esqueceu/ que entre os meus todo mundo era deus”* ou em *“Respeito sua fé, sua cruz/Mas temos duzentos e cinquenta e seis Odus/Todos feitos de sombra e luz, bela/Sensíveis como a luz das velas”*. É constante em todo o disco e em especial nesta canção a intenção de desconstruir alguns estereótipos que existem a respeito do povo negro construindo uma representação positiva.

Nobreza mora em nóiz, não num trono

Logo, somos reis e rainhas, somos

Mesmo entre leis mesquinhas vamos

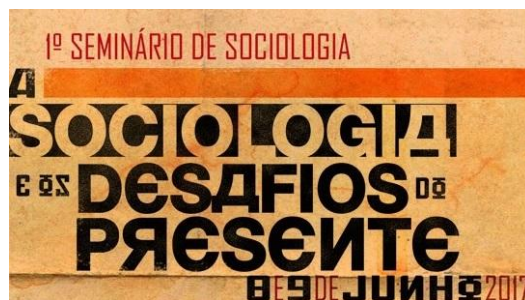
Gente, só é feliz

Quem realmente sabe, que a África não é um país

Esquece o que o livro diz, ele mente

Ligue a pele preta a um riso contente

(EMICIDA, 2015)



REFERÊNCIAS:

CARTA CAPITAL. **Emicida busca raízes musicais na África.** Disponível em <<<https://www.cartacapital.com.br/cultura/emicida-busca-raizes-musicais-na-africa-2369.html>>>. Acesso em 19 de maio de 2017.

CONTADOR, A; FERREIRA, E. Ritmo e Poesia: os caminhos do rap. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997.

EMICIDA. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. São Paulo: Laboratório Fantasma/Sony Music, 2015, 1 CD.

GILROY, P. Atlântico negro, O. São Paulo: Editora 34, 2001.

O GLOBO. **Emicida mergulha nas semelhanças entre África e Brasil em novo disco.** Disponível em << <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/emicida-mergulha-nas-semelhancas-entre-africa-brasil-em-novo-disco-17108480#ixzz4hpikDgiw> >>. Acesso em 19 de maio de 2017.

PINHO, O. **Etnografias do Brau:** corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador. Estudos Feministas, v. 13, n. 1, p. 127-145, 2005.

SANSONE, L. Uso e abuso do Afro do Brasil na África. IN: DIAS, J.B; LOBO, A.S. **África em Movimento.** Brasília: ABA, 2012.